



Acúmulo de passados: múltiplas recepções de Stonehenge (pré)histórico na História, Arqueologia e Sociedade

Sofia Helena Cardoso Rodrigues¹

Resumo: Stonehenge é o monumento pré-histórico britânico mais notável. Além de seu uso primário neolítico e ilustre arquitetura, reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO, está e esteve presente em imaginários populares de forma muito densa desde a conquista romana da Britânia, bem como se encontra presente também nos desenvolvimentos da Arqueologia e da História enquanto disciplinas. Porém, desde lá, diferentes são os significados atribuídos à origem, uso e função do megalítico. Nacionalismo, Imperialismo, neopaganismos, pseudociências e até mesmo modelos de patriarcado são alguns dos expoentes que muito encontraram força de legitimação na existência do monumento. O objetivo desta comunicação, é, pois, apresentar e discutir as diferentes circunstâncias nas quais narrativas medievais, modernas e contemporâneas apresentam tais temáticas - tanto dentro da academia em formação, com cronistas, antiquários, arqueólogos e historiadores, quanto fora dela, em folclores e imaginários populares das sociedades ao longo do tempo.

Palavras-chave: Stonehenge; Inglaterra; História; Arqueologia; Recepções do passado.

Introdução

O que é Stonehenge? Por que estudar Stonehenge? Monumento pré-histórico da Inglaterra, muito usado por nacionalismos europeus e densamente presente no imaginário folclórico local, tornou-se Patrimônio Mundial da Humanidade, pela UNESCO. Além disso, está aplicado como pedra fundamental de uma série de novas religiosidades, bem como de movimentos turísticos e econômicos da Grã-Bretanha. Mas, por que, então, uma historiografia brasileira se dedica ao estudo dele e sua conjuntura? Qual o motivo de analisarmos, conforme o título do presente trabalho, suas múltiplas recepções?

Partindo do pressuposto que muito de nosso pensamento, colonizado, foi elaborado por perspectivas ocidentais e eurocêntricas, vemos uma grande adoção de modelos europeus

¹Mestranda em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É pesquisadora pela linha Gênero, Subjetividades e Cultura Material. Orientada pelo Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari. Artigo com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Email para contato: sofiahelenacr@gmail.com.



para com a realidade das relações sociais e culturais nacionais – como imaginários, literatura, preconceitos e tratamentos – tanto no Brasil, quanto em outros terrenos, como América Latina pelo todo, ou até mesmo espaços também submetidos à violência da colonização da África e Ásia. Em suma, usando palavras de Branca M. Alves (2019), é todo um ‘quadro referencial europeu’. Isto é, um discurso assentado na “concepção de um estado-nação cuja identidade imaginada se processa sob o signo da elitização, masculinização e branqueamento da cultura” (SCHMIDT, 2019, p.60). Voltando-nos para isso, compreendemos imaginários que até hoje estão muito presentes em nosso meio. Um exemplo, que até hoje temos no Brasil, é figura da mulher-mãe e sua conseqüente cidadania reprodutiva, que já aparece em Stonehenge, nosso estudo de caso. Nesta via, outro costume “trazido da Europa e implantado no Novo Mundo” era a “manutenção do status inferior da mulher” (ALVES, 2019, p. 54). Assim, conseguimos compreender os fluxos de ideias e formação delas os quais fomos submetidos ao longo de nossa história – antes das práticas de filosofias de decolonização e feminismos, que buscam quebrar essa barreira ocidentalizante.

Outro exemplo são os próprios conceitos de pré-história, evolucionismo social e primitivismo. Stonehenge, componente formador destas definições, é comparado ao Outro, em analogias do passado da Europa em contraste ao primitivismo atual que ainda habitaria espaços de fora do continente – os quais deveriam ser civilizados com o europeu: que já teria evoluído deste estado natural primordial que as populações autóctones se encontrariam no momento das grandes navegações e colonizações – e escravizações.

Ou seja, o conceito de pré-história é bem aplicado à Stonehenge, que foi cunhado com as características da Europa. Porém, ao ser exportado para outras localidades, leva hegemonias e comparações – principalmente com a própria definição do termo pré-história: período anterior à presença de escrita, logo, de uma história. Assim, todos aqueles povos que hoje ainda não fariam uso da escrita, que viveriam de certa forma fora de núcleos urbanos industrializados e demais métricas de “estado selvagem”, estariam num momento primitivo, sem história digna de ser herdada. Destemodo, analisamos a trajetória de pensamentos que construíram todas estas problemáticas, sob ângulo de um objeto material em específico, para compreender rupturas e continuidades que vêm a formar a história dos tempos presentes, tão plural e formada por imensas redes de complexidades.

Por isso, o texto que se segue está dividido na explicação do monumento em si, seguida pelo seu histórico de formação e construção, contextualização espacial, explicitação



da perduração física e imaginária ao longo do tempo até o presente, e considerações finais. O título de nossa proposta é, pois, acúmulo de passados, pormobilizamos ao longo destas etapas, outros dois conceitos, fundamentais nesta dinâmica de relações de legitimidade de uns perante outros (inclusive por justificativas de dominação): usos e recepções do passado. Segundo Garraffoni *et al.* (2020),

Recepção chama a atenção para a transmissão de algo dos produtores para os receptores, em uma metáfora da teoria da comunicação: recepção do som, de imagem, de informações. Há, pois, uma ênfase na emissão, e isso explica toda a atenção com a recuperação ou reconstrução dos textos e monumentos originais. Isso já estava presente na preocupação dos humanistas modernos que buscavam retirar das cópias manuscritas medievais a lição mais próxima daquela ditada ou escrita pelos autores. Recepção aponta para a verificação da distância entre a gênese e a recriação posterior; já os usos do passado enfatizam os contextos posteriores. Assim, cada momento usa o passado para sua própria época, seus interesses e circunstâncias.

Em resumo, usos do passado se pauta por manipulação hodierna de seu passado, com intenções que o próprio tempo oferece. Já recepções do passado se define pela forma com que o tempo antecessor é acessado, inteligido. Porém, nosso argumento é, em concordância com o trecho dos autores acima, de que, além dessa noção costumeira de que é o tempo contemporâneo que faz uso do passado, o nosso próprio passado já fez uso de seu passado mais remoto, e o modelou para interesses próprios, cujas consequências se dão até hoje. E tal fato acontece tanto pelo que definimos por Arqueologia e História enquanto disciplinas acadêmicas, mas também pela sociedade fora delas.

Stonehenge hoje: Patrimônio, local sagrado, turístico, e, por último, (mas não) menos importante, sítio arqueológico

A origem do passado: Pré-história e os barrows

Apresentando brevemente nosso objeto, Stonehenge é chamado de monumento *megalítico* por ser formado por dezenas de pedras (líticos) de enormes medidas (mega), pesando até 50 toneladas cada uma. Historiografias recentes, utilizando-se de datações de radiocarbono e interdisciplinaridade com ciências exatas, estimam que foi construído ao longo de mais de dois milênios, entre 3000 a.C. e 1500 a.C. (DARVILL, 2016). Porém, além da observância factual de sua existência, os mesmos estudos buscam analisar o motivo de tanta duração de construção, e a finalidade.



De modo paradoxal, além da edificação continuada, tais análises (dentro da vertente da Arqueologia chamada de cognitiva, ou simbólica) são comparadas com *intenções* diferentes. Isto é, os pensadores de Stonehenge, a partir da consolidação da Arqueologia enquanto disciplina acadêmica, em meados do século XIX, determinam ao menos quatro finalidades diferentes de construção – que poderiam variar, talvez, pelos diferentes fluxos migratórios que a Grã-Bretanha recebera ao longo do Neolítico, e que puderam trazer visões culturais novas para a paisagem². São elas: uso sepulcral, local religioso/ritualístico, campo de observações astronômicas, e construção estética, arquitetônica³. Timothy Darvill (2016), especialista no tema, é uma das bibliografias mais recentes a explorar a possibilidade de os quatro motivos existirem juntos, variando ao longo das cinco etapas de construção que elabora. Em outras palavras, Darvill, e também outras historiografias afins, pensam no esquema de que a primeira existência de Stonehenge teria se dado sem as pedras – características mais marcantes dele hoje. Pelo contrário, no momento inicial Stonehenge seria apenas mais um cemitério neolítico, acompanhando as centenas de *barrows*⁴ espalhados pelo terreno. Depois, na segunda etapa, os monólitos teriam sido trazidos. Ao longo das demais etapas, teriam sido movidos e remanejados – inclusive para a posição mais icônica, e que é talvez a mais conhecida quando pensando em Stonehenge: o alinhamento das pedras centrais acompanhando o nascer do sol no dia do solstício de verão – daí o motivo possivelmente astronômico de sua construção.

Porém, além deste uso primário, o monumento esteve presente ao longo de todas as temporalidades humanas a partir de então, tanto na paisagem material, quanto no imagético, o qual será mais explorado nos próximos tópicos. Mas, por fim, ainda no tocante à Pré-história, outro tema deve ser mencionado. Conforme explicitado anteriormente, os dias atuais são os que recriam o passado. E, hoje, Stonehenge também é um dos expoentes para se discutir a permanência de um modelo patriarcal de sociedade desde os períodos mais remotos da humanidade. Então, além de estudarmos a magnificência dele em si, uma preocupação a mais nos acomete quando temos a recepção de Stonehenge: será que ele foi construído por homens, para homens? Será que o modelo de virilidade do homem pré-histórico, aquele de “homem

² Como por exemplo, a cultura neolítica denominada Campaniforme, ou a Cultura dos Construtores de Túmulos, ou ainda inícios da Cultura do Bronze.

³ Tais diferentes motivos aparecem pela primeira vez em (Petrie, 1880), e ao longo do tempo são aplicados em maior ou menor escala, dependendo das Escolas da Arqueologia da vez.

⁴ Construções tumulares da pré-história europeia, espalhados ao longo dos relevos.



das cavernas”, corresponde à realidade dos fatos pré-históricos – seja na esfera física quanto na cosmológica (nos motivos ritualísticos), ou é mais uma criação de um presente usando um passado para legitimação do patriarcado e misoginia atuais? Segundo Adovasio *et al.* (2009), tais artefatos pré-históricos, como monumentos, ruínas, pinturas rupestres e demais objetos não permitem uma evidenciação de que foram feitos por mulheres. Porém, tampouco possuem evidências que foram manipulados por homens.

Abandono e redescobrimto

Como mencionado, Stonehenge não está sozinho na paisagem. Está cercado por demais *barrows* e construções neolíticas, de mesma época e cosmovisões. Todavia, ao contrário do desenvolvimento contínuo evidenciado pelas datações de carbono-14 até o milênio aproximado de 1500 a.C., há um hiato de informações capazes de serem mapeadas pela arqueologia de campo a partir daí, até a primeira menção dele por escrito, em 43 a.C. Myriam Philibert (1994), teórica francesa, aponta que os *anos obscuros* de Stonehenge se dão por fatores de emigração dos grupos que habitavam o local, por motivos climáticos, bélicos ou demais.

Agora, o monumento só seria redescoberto, e possivelmente mencionado *em passant*, pelo historiador grego Diodoro Sículo, que, junto à conquista romana da Ilha, teria notado um “tempo circular dedicado ao deus Hélio” (Diod. Sic. II, 47.1-3), o qual pensa-se ser Stonehenge – pelo fato da descrição circular e descrição da dedicação à Hélio, referenciando a eventos solares (como por exemplo o solstício). Porém, ao mesmo tempo, Amy-Gazin Schwartz e Cornelius Holtorf (1999), evidenciam o lento processo de vários monumentos e artefatos pré-histórico que ao longo dos anos foram incorporados a uma ideia de paisagem natural. Com Stonehenge, não teria acontecido diferente: mesmo com a possível menção de Diodoro Sículo, durante a Antiguidade tardia e Idade Média Inicial ele teria sido também visto como edificação natural.

Stonehenge, pelo medievo

Em continuação, dentro do longo percurso de naturalização de Stonehenge no âmbito da Inglaterra, antiga Bretanha, alguns historiadores a partir do século sexto da Era Comum, como por exemplo Gildas (1891) e Bède (1895), iniciam o processo de escrever a história do local, fazendo genealogias dos reis e dos grandes feitos de heróis. Entretanto, é apenas em



Henry of Huntingdon (1996 [1135]) e Geoffrey of Monmouth (2008 [1136]) que ele vai ganhar seu nome, *Stoneheng*, bem como uma narrativa de origem – identificando-o, pela primeira vez, como construção artificial humana.

Em Huntingdon, sua menção é breve, participando apenas da descrição das maravilhas da Bretanha, talvez ainda dentro de lógica mais naturalista. Somente com Geoffrey of Monmouth é que uma origem humana é amplamente narrada. O cronista, e clérigo, ao realizar a principal e mais densa genealogia dos reis da Bretanha, coloca Stonehenge como monumento construído por Merlin em homenagem aos bretões traídos e mortos pelas invasões anglo-saxãs. Na sua *Historia Regum Britanniae* (1136), inauguradora também do gênero chamado de novelas de cavalaria e amor cortês, Stonehenge teria sido construído por gigantes a mando de Merlin – adivinho oficial do rei Aurélio Ambrosius, pai do ilustre Rei Arthur.

Contudo, além da óbvia perduração física de Stonehenge como elemento pré-cristão, visto como pagão, nota-se, nos escritos de Monmouth, um convívio natural entre tais elementos pagãos e cristãos (como o Mago adivinho Merlin somado à presença de Igreja e da Virgem Maria). Júlia Crick (1991), especialista em Monmouth, ao analisar tudo isso, demonstra a manipulação voluntária de diversos elementos do passado para a legitimação do reinado no qual o próprio Geoffrey estava inserido – argumentando que o clérigo defendia os ideais do seu tempo presente ao narrar um passado legitimador, dos reis governantes poderosos que o influenciariam. E, depois deste momento, outras narrativas medievais irão reproduzir as ideias do cronista, acrescentando elementos a depender de seus objetivos, como sequências da árvore genealógica real (CAMBRENSIS, 2000), e elementos ficcionais, como o Santo Graal e a tábua redonda (MALORY, 1998).

Ademais, outras são as problemáticas de pesquisa encontradas ao estudarmos tais fontes⁵. Representações femininas, protagonismos femininos e inícios dos movimentos que mais tarde serão chamados de nacionalismos, com mais usos do passado, são algumas delas. Na mesma linha de criticar as reproduções que uma possível temporalidade contemporânea do século XIX (início do estudo da História enquanto acadêmica) aplicou ao observar mulheres, colocando-as como submissas e não participante dos rumos dos desenvolvimentos das sociedades, encontramos referências sobre mulheres no terreno de Stonehenge. Mas, além da representação cronista delas enquanto necessárias ao desabrochar

⁵ E sobre as quais nos desdobramos em nosso atual mestrado.



da narrativa (como mães ou filhas), temos presença do que podemos chamar de protagonismos femininos: mulheres descritas como rainhas e estrategistas. E, por fim, conforme pincelado acima, entendemos a vontade de manipulação do passado, e adjetivação de bretões *bonsversus* saxões ruins, por exemplo, feita por Monmouth (1136), como um embrião do nacionalismo, vendo a necessidade de se fazer uma genealogia dos grandes reis do território para se legitimar e embasar hereditariamente o governo atual.

Stonehenge pela Modernidade

Dando um salto temporal para os próximos documentos que citam por escrito nosso megalítico, nos deparamos com características que possuem forma um pouco diferente, mas conteúdo semelhante aos cronistas medievais: agora, Stonehenge aparece como descrição cartográfica dos relatos de viagem dos antiquários modernos, como maravilha nacional. John Aubrey (2019 [1666]) e William Stukeley (2020 [1740]), além de serem dois dos mais famosos eruditos que deram bases para a mais tarde Arqueologia acadêmica, científica, são os dois mais ilustres que produziram densas obras de contextualização de Stonehenge, e tentativa de pensar sua origem histórica. Entretanto, a origem que outrora era a partir de Merlin, em Monmouth, agora passa a ser os druidas celtas. Numa retomada renascentista aos elementos clássicos nacionais (em substituição ao passado greco-romano, pouco presente na Ilha), ambos os antiquários produzem identidade nacional baseada no passado celta como elemento unificador.

Porém, novamente, nos deparamos com problemáticas de pesquisa nesta prática de usos do passado, cada vez de maneira mais nacionalista tradicional, conforme estamos acostumados: John Aubrey, ao escrever *Monumenta Britannica* (1666), produz, em paralelo, estudos relacionados a demonologia, dentro da conhecida caça às bruxas, onde as mulheres como um todo estavam à mercê da profanidade herética e pagã. Stukeley, por outro lado, cem anos no futuro de Aubrey (1740), continua com os ideários neopagãos (inclusive formando a chamada *The Most Ancient Order of Druids*), porém desaparecendo, em todas as medidas, com qualquer representação ou menção ao papel feminino como também precursor ou constituinte (pelo bem, ou pelo mal) das etapas de vida de Stonehenge. Com o mesmo método, outra problemática desta temporalidade, que compõe a discussão de usos do passado, é a criação de uma identidade nacional baseada na recriação de elementos celtas (que já encontram uma discussão se existem ou não), no neodruidismo, ao mesmo tempo em que



percebemos uma semelhança grande entre a Arqueologia e o antiquarismo (conforme discutido por nós em [RODRIGUES, 2022]).

Concluindo, essa evolução na percepção de Stonehenge ao longo da modernidade revela uma complexa dinâmica em relação à representação das mulheres nas interpretações históricas. Enquanto em Monmouth, as narrativas associadas a Stonehenge podiam às vezes incluir as mulheres com certo grau de protagonismo, como parte da história do Rei Arthur, em Aubrey, elas eram frequentemente vinculadas de maneira contraditória com a profanidade pagã e com a bruxaria, refletindo o contexto da caça às bruxas. Stonehenge, por sua vez, era apreciado por sua associação com elementos pagãos. No entanto, em Stukeley, a representação das mulheres enquanto entidades capazes de escolher os rumos do monumento desaparece por completo, à medida em que o foco muda para a narrativa dos druidas celtas homens.

Stonehenge na Idade Contemporânea

A evolução da interpretação de Stonehenge ao longo do tempo, como destacado, demonstra diversos usos de um passado (real e imaginário). Na mesma linha, a transição do Antiquarismo para a Arqueologia propriamente dita é notável, porém tênue. Alguns dos primeiros nomes dentro do que seria esta nova disciplina em ascensão são Flinders Petrie (1880), Arthur Evans (1889) e William Gowland (1902). Os três introduziram práticas mais sistemáticas e científicas à abordagem de locais arqueológicos, incluindo Stonehenge. É nesse período que o megalítico começa a ser considerado dentro da ideia de pré-história e não mais vinculado estritamente a religiosidades (e cronologias) tradicionais, como o cristianismo. No entanto, à medida que avançamos para o contexto da Idade Contemporânea, observamos uma ressurgência de outraritualismos (neopagãos) em relação a Stonehenge, com debates sobre a propriedade do monumento. Como se sabe, o período ainda está marcado por imperialismos, nacionalismos e neocolonialismos. Em consequência, a influência do British Museum torna-se mais palpável ainda – onde o acervo local divide lugar ao acervo “exótico”, conquistado pelo Império. Também, como já explicitado, é uma época em que teorias científicas como o racismo científico e o evolucionismo social, desempenham um papel na interpretação de Stonehenge para com outros locais que seriam tidos como primitivos. De mesma forma, um pouco para frente, as primeiras escavações em larga escala ocorrem, mas são interrompidas devido às duas Guerras Mundiais.



Após as guerras, há uma mudança na Arqueologia, com a transição da Arqueologia histórico-cultural para a Nova Arqueologia (Arqueologia Processual), que incorpora o estruturalismo e o cientificismo, pensando o monumento agora como um computador do passado – usado para calcular eventos celestes. Aqui, conforme o nome da vertente passada, não mais as culturas pré-históricas em separado seriam foco de análise, mas sim as estruturas coercitivas padrão a que todos os grupos estariam submetidos. Além disso, campos externos à Arqueologia, como Astronomia, Matemática e Física, passam a desempenhar um papel chave na interpretação de Stonehenge.

Este é também o momento em que surge a Pseudoarqueologia, uma pseudociência que muitas vezes desafia os princípios científicos, e que até hoje é muito acessada pelo grande público, com suas narrativas mirabolantes e teorias da conspiração. Em Stonehenge, vai encontrar campo profícuo, trabalhando desde a ideias de antigas civilizações desconhecidas, ou até mesmo *aliens* como precursores do monumento, à contramão do que propõe a Arqueologia científica.

Somente a partir da década de 80 é que fluxos externos sociais voltam a moldar as direções da pesquisa em Stonehenge. A Arqueologia recupera sua posição como a principal produtora de conteúdo acadêmico relacionado ao monumento. No entanto, ainda persistem desafios, como a manutenção de olhares patriarcais e a interpretação de Stonehenge como um templo neodruída. O turismo e a educação também desempenham um papel significativo na forma como Stonehenge é percebido e estudado nos tempos modernos. É nesta época em que a UNESCO adequa o megalítico na lista de Patrimônios Mundiais.

Considerações Finais

Em resumo, a história da interpretação de Stonehenge, ou, em outras palavras, a história dos usos do passado e recepções de Stonehenge, é uma narrativa complexa que reflete não apenas a evolução das práticas arqueológicas, mas também as influências culturais, ideológicas e científicas de vários presentes que moldaram a compreensão desse icônico monumento ao longo do tempo. Conforme já falado por Jacquetta Hawkes, e como confirmaremos cada vez mais daqui pra frente: Stonehenge é muito mais um fruto de seu tempo do que da pré-história. Em suas palavras, “cada época teria o Stonehenge que merece – ou deseja” (HAWKES, 1967, p. 01). A pluralidade de esferas do intelecto humano e de representações sempre esteve presente. Nasceu com a edificação das pedras, desenvolveu-se



com imaginário de diferentes épocas, chega hoje com novas perspectivas do intelecto; bem como recebe a herança de todas essas existentes, em um acumulativo crescente.

Referências

ADOVASIO, J. M.; SOFFER, Olga; PAGE, Jake. **Sexo invisível: o verdadeiro papel das mulheres na pré-história**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

ALVES, Branca. “A Luta das Sufragistas”. In: HOLLANDA, Heloísa (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. pp. 42- 54.

AUBREY, John. **Monumenta Britannica**. Oxford: Bodleian Library MS. Top. gen. c. 24 (1665 - 1693), 2019.

BÈDE. **Historiaecclesiastica gentis Anglorum**. Versão: Freiburg i. B., Leipzig, J. C. B. Mohr (P. Siebeck). Ann Arbor: University of Michigan, 1895.

FORESTER, Thomas; WRIGHT, Thomas. **Giraldus Cambrensis: The Topography of Ireland**. Cambridge, Ontario: Medieval Latin Series, 2000.

DARVILL, T. “Houses of the Holy: Architecture and Meaning in the Structure of Stonehenge, Wiltshire, UK”. In: **Time and Mind**, 9:2, 2016, pp. 89-121.

EVANS, Arthur. “Stonehenge”. In: **The Archaeological Review**, Vol. 2, N. 5, pp. 312-330, 1889.

GARRAFFONI, Renata S *et al.* “Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira”. In: Dossiê - A História Antiga Entre O Local E O Global: Integração, Conflito E Usos Do Passado. **Rev. Bras. Hist.** 40 (84) • May-Aug 2020.

GILDAS. **On The Ruin of Britain** (De excidio et conquestu Britanniae). Tradução: John Allen Giles. London: G. Bell & sons, 1891.

GOWLAND, W. “Recent excavations at Stonehenge”. In: **Archaeologia**, n. 58, 1902, pp. 37–105.

HAWKES, Jacquetta. "God in the Machine". In: **Antiquity**, n. 41, 1967, p. 01.

HUNTINGDON, Henry of. **Historia Anglorum**. Tradução: Diana Greenway. New York: Oxford University Press, 1996.

MALORY, Thomas. **L'mortd'Arthur**. Champaign: Project Gutenberg, 1998.

MONMOUTH, Geoffrey of. **Histoire des rois de Bretagne**. Tradução: Laurence Mathey-Maille. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

PETRIE, W. Flinders. **Stonehenge: Plans, description and theories**. London: Edward Stanford, 1880.

PHILIBERT, Myriam. **Stonehenge et Son Secret**. Monaco: Éditions du Rocher, 1994.

RODRIGUES, Sofia Helena Cardoso. **Pré-histórico e contemporâneo: a construção de Stonehenge pela historiografia (1880-2022)**. 2022. Recurso online (142 p.) Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/7331>. Acesso em: 19 mar. 2023.

SCHMIDT, Rita Teresinha. “Na literatura, mulheres que reescrevem a nação”. In: HOLLANDA, Heloísa (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. pp. 56 – 68.

SCHWARTZ, Amy-Gazin; HOLTORF, Cornelius. **Archaeology and Folklore**. London: Routledge, 1999.

SÍCULO, Diodoro. **Bibliotheca Historica**. 1746. Disponível em: https://gutenberg.beic.it/view/action/nmets.do?DOCCHOICE=9679527.xml&dvs=1632404013554~602&locale=pt_BR&search_terms=&show_metadata=true&adjacency=&VIEWER_URL=/view/action/nmets.do?&DELIVERY_RULE_ID=7&divType=&usePid1=true&usePid2=true. Acesso em: 23 de set de 2021.

STUKELEY, William. **Stonehenge: a temple restored to the British Druids**. Transcrição Robert Tonsing *et al.* London: W. Inny and R. Manby (1740), 2020.